

Saulo Gomes: o repórter que queria gravar a própria morte

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan

Mestre em Comunicação pela Unesp-Bauru

Docente da Universidade Estadual de Londrina – Paraná

flabespa@onda.com.br

GT História da Mídia Sonora

Resumo:

Busca-se neste artigo recuperar a trajetória do repórter de rádio Saulo Gomes quando atuou na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 1950 e 1960. Detentor de vários records e premiações pertinentes à função de repórter, Gomes fez parte da equipe dos “Comandos Continental”, da Emissora Continental do Rio de Janeiro e também chefiou o departamento de jornalismo da Rádio Mayrink Veiga, onde criou “Os Vigilantes da Mayrink”. Participou de grandes coberturas radiofônicas, furando, muitas vezes, todo o restante da mídia. Entre esses eventos destacam-se coberturas do carnaval carioca; a chegada dos campeões mundiais de futebol, em 1958; a participação na Rede da Legalidade, em 1961 e o golpe de 1964. Um fato curioso da história de Saulo Gomes é que ele pretendia gravar a própria morte. Para isso andava com um gravador de rolo a tiracolo, o que o levou a registrar e guardar momentos importantes da radiofonia brasileira. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se a técnica da História Oral apoiada em análise documental do periódico “Revista do Rádio”.

Palavras-chave:

Rádio, História, Saulo Gomes, Emissora Continental do Rio de Janeiro, Rádio Mayrink Veiga.

Introdução

Desde a primeira emissão efetuada durante as comemorações do centenário da Independência, o rádio completa, em sete de setembro desse ano, 86 anos no Brasil. Nessas décadas de história muitos foram, e são, os personagens especiais que povoam as ondas hertzianas. Neste artigo, vamos destacar a trajetória do Repórter Saulo Gomes, um carioca que começou no rádio em 1956 e que coleciona muitas aventuras, ousadias e gravações para contar.

Abordaremos aspectos da carreira do repórter de 1956 até 1964 quando ele deixa o Rio de Janeiro e vai para o exílio. Mesmo depois de retornar ao país, Gomes não voltou a atuar na cidade, mudando-se para São Paulo. Para o levantamento dessa história, lançamos mão da técnica da História Oral e buscamos o depoimento de nove ex-integrantes da Emissora Continental: O próprio Saulo Gomes, Ary Vizeu, Carlos Alberto Vizeu, Jorge Sampaio, Paulo César Ferreira, Paulo Caringi, Teixeira Heizer, Afonso Soares e Celso Garcia. O objetivo das entrevistas era o de reconstruir o período do surgimento da emissora e seu ingresso no campo da reportagem¹. Como diz Thompson (1998, p. 10): “a voz do passado tem importância para o presente”, principalmente quando existe escassez de material para a pesquisa. É nesse ponto que as evidências orais “penetram aquilo que, de outro modo, seria inacessível” (THOMPSON, 1998, p. 136). Afora o percurso da reportagem, foram conseguidas informações inacessíveis, como alguns detalhes da história de outras emissoras do Rio de Janeiro e dos muitos personagens que trabalharam no rádio das décadas de 1950 e 1960. São alguns desses detalhes, relativos a Saulo Gomes, que serão apresentados neste artigo.

Além dos depoimentos, buscamos apoio também em outros documentos, e procedemos a uma análise documental, entendendo, como considera Thompson (1998, p. 305), que “a evidência oral pode ser avaliada, julgada, comparada e citada paralelamente ao material de outras fontes”. Para tanto, além dos documentos cedidos pelos entrevistados, pesquisamos em revistas e jornais da época. Elegemos como periódico principal das buscas a “Revista do Rádio”, que foi pesquisada de 1948 a 1964.

O repórter

Saulo Gomes é carioca, nascido em dois de maio de 1928. Estudou somente até o segundo ano primário e começou a trabalhar cedo. Foi vendedor de lojas, viajante, faquir e até “engolidor de fogo”. Trabalhou em circo e em parque de diversões, anunciando as atrações ao microfone, como ele mesmo atesta: “Durante seis anos eu viajei e eu tinha um traquejo muito grande com o microfone” (Gomes, 2004). A carreira no rádio vislumbrou-se em dezembro de 1955, quando decidiu participar de um

¹ O resultado principal dessa pesquisa culminou na dissertação de mestrado “A prática da reportagem na Emissora Continental do Rio de Janeiro”, defendida pela autora em maio de 2006. Disponível em http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/comunicacao/comunica.php#fla_bespalhok

concurso promovido pela Emissora Continental do Rio de Janeiro para a escolha de um repórter que integraria a equipe dos “Comandos Continental”². Gomes (2004) conta que havia mais de 200 concorrentes e que o repórter Newton de Souza, que cobria a área policial e era o então chefe de reportagem, incentivou-o a participar do concurso.

Aprovado, estreou no dia 14 de janeiro de 1956, como repórter setorista da Câmara Federal, em substituição a Fernando Salgado. 50 dias depois, participaria de sua primeira cobertura de carnaval, uma prática realizada pela Continental desde 1951 quando a emissora montava uma numerosa equipe que era distribuída em diversos locais da cidade³. Saulo Gomes foi escalado para o posto do Hospital Souza Aguiar, para onde eram transferidos os feridos graves. Nas suas próprias palavras, ele queria “mostrar serviço” e quando todos os repórteres das outras emissoras foram embora, por volta das duas horas da manhã, ele permaneceu no posto e passou a operar todas as linhas telefônicas, como conta:

Eu peguei todos esses telefones que correspondiam cada um deles a uma linha telefônica direta, e o meu técnico, a meu pedido, transferiu todos os terminais desses telefones para minha emissora. Então, eu tinha seis, oito telefones à minha disposição através do qual eu recebia informação de todo lugar, informações que deviam vir pras outras rádios, mas que não tinha ninguém lá. Porque, como é natural, tinha também os ouvintes que preferiam essa e aquela emissora, então eu absorvia isso, trabalhava, preparava a notícia, uma máquina de escrever, rascunhava alguma coisa e o tempo todo falando. (GOMES, 2004)

O resultado dessa cobertura foi a conquista do recorde de repórter que mais tempo permaneceu no ar: 75 horas e 45 minutos ininterruptos. Esse foi o primeiro recorde de Saulo Gomes. Outros dois ainda viriam: 90 horas e 97 horas falando continuamente no ar. Além dos recordes, Saulo Gomes recebeu também muitos prêmios, entre eles o de “Melhor rádio-repórter de 1958”, numa avaliação que era feita anualmente pela “Revista do Rádio”.

² “Comandos” era a equipe de jornalismo da Continental, capitaneada por Carlos Palut. Gomes informa que nesse ano (1955) a equipe, já bastante conhecida, era “realmente uma grande seleção de radialistas no jornalismo”.

³ Outras informações sobre a cobertura de carnaval feita pela Continental em BESPALHOK, Flávia. **Reportagem Externa Radiofônica: A Experiência da Emissora Continental na Construção da História do Radiojornalismo Brasileiro.** In: Anais do Intercom 2005: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Intercom/ UERJ, 2005.



Figura 1 – Foto de Saulo Gomes durante cobertura do carnaval de 1956.
Fonte: Gomes (2005)

Os próprios companheiros de Continental, entrevistados para esta pesquisa, consideram Gomes um grande profissional e excelente repórter investigativo. Para Carlos Alberto Vizeu (2004), ele “é uma das pessoas mais criativas e mais rápidas” no momento de perceber e articular uma reportagem. Paulo César Ferreira (2004) conta que procurava imitá-lo porque era “inegavelmente brilhante repórter [...] Ele era instigante, ele era inteligente, [...] tinha uma boa oratória e todos os assuntos que pudessem ter uma certa relevância ele era a estrela”.

No percurso de Saulo Gomes na Continental são muitos os momentos destacados como importantes. Uma reportagem da “Revista do Rádio”, publicada em 1963, aponta vários momentos. Um deles é a cobertura do carnaval de 1956 já relatada aqui. Passamos então a apreciação de outros episódios marcantes da vida do repórter.

Aventuras ao microfone da Continental

Em 1957, Saulo Gomes transmitiu um tiroteio em uma sessão da Assembléia Legislativa de Alagoas que iria votar o impeachment do governador Muniz Falcão, em 13 de setembro de 1957⁴. Como havia a possibilidade de haver confronto

⁴ Saulo Gomes informa que com o prestígio que passaram a ter, os “Comandos” deixaram os limites do Rio de Janeiro e passaram também a realizar reportagens em vários pontos do país.

entre os adeptos do governador e os da oposição, o presidente da Assembléia, Lamenha Filho, mandou cercar a mesa diretora com sacos de areia. Saulo Gomes (2004) conta que achou a atitude estranha, e pediu uma barricada também no local reservado a ele:

Apesar do grande calor de 35 ou 40 graus naquela tarde em Maceió [...], todos os deputados do governo chegaram vestindo uma capa de chantum comprida, até o joelho, que embaixo de cada capa havia uma metralhadora. Entraram atirando no plenário e o líder do governo, chamado Humberto Mendes, que vinha à frente, foi baleado, morreu na hora e 11 outras pessoas ficaram feridas, inclusive o jornalista Marcio Moreira Alves. O feito meu é que eu gravei tudo isso.

Gomes gravou 12 minutos e 45 segundos antes de seu gravador levar um tiro e ficar danificado. Depois, já tarde da noite e protegido por uma patrulha do exército, Saulo Gomes usou o transmissor de uma emissora local, a Rádio Jornal, para transmitir sua reportagem, intitulada *Nasci na sexta feira, 13*:

Consegui colocar meu gravador com esta gravação nesse transmissor e com um pouco de gasolina que tinha, [...] consegui então botar no Rio de Janeiro, na Rádio Continental, a minha gravação do tiroteio, em que até no noticiário do Repórter Esso eu aparecia horas antes como morto.

Em 1958, Gomes “furou” toda a imprensa e conseguiu entrevistar em primeira mão os jogadores brasileiros campeões do mundo naquele ano. Um dia antes da chegada do avião que traria os jogadores da Suécia, Gomes foi para o aeroporto.

Por volta de três ou quatro horas da manhã eu vi que todos os funcionários no galpão da Panair do Brasil tinham ido embora, passavam por mim no aeroporto, cada um com seu pacotinho, sua bolsinha, indo embora. Então vi que ficou uma luz acesa, passando por perto no hangar vi que estava vazio, entrei, dei sorte que encontrei um armário aberto onde havia vários macacões. O primeiro dava uns quatro de mim dentro, eu apanhei e levei comigo. Às seis da manhã eu vesti esse macacão e me coloquei no meio de 38 mecânicos e nenhum me perguntava quem era eu. E dentro desse macacão, amarrado na cintura eu tinha esse aparelho, o BTP⁵.

Horas antes do pouso do avião, Saulo Gomes foi para a pista e chegou a ficar deitado na grama, entre uma pista e outra por mais de cinco horas debaixo de um “sol escaldante”. Quando o avião chegou, fingindo-se de mecânico, entrou na aeronave pela porta lateral da cabine do comandante e “quando abriu a porta [principal], em vez de Pelé, Didi, Garrincha, o primeiro cara que saiu era eu, muito magro, muito pálido, muito abatido, todo sujo, vestido com um macacão”.

⁵ O BTP era o microfone sem fio da época e que foi usado por Gomes para fazer as entrevistas na chegada dos campeões mundiais.



Figura 2 – Saulo Gomes vestido com o macacão da Panair depois da cobertura da chegada dos campeões Mundiais de Futebol de 1958. Na mão o BTP.

Fonte: Arquivo pessoal de Saulo Gomes.

Outra reportagem destacada pela Revista do Rádio, e pelo próprio Gomes, também realizada em 1958, foi a explosão dos paióis do Exército em Deodoro: “Quando houve aquela explosão nos paióis (sic) de Deodoro, eu fui para dentro da zona afetada, a fim de melhor gravar o acontecimento” (QUER..., 1963).

A explosão dos paióis do Exército se deu no dia 2 de outubro de 1958. O deslocamento de ar, segundo Saulo Gomes (2004), atingiu um raio de cinco quilômetros e as janelas de vidro foram estilhaçadas pela força do vento. Os estrondos foram ouvidos a quilômetros de distância. Segundo nota publicada no site “Defesa@net”⁶, o incêndio provocado pelas primeiras explosões durou mais de 72 horas..

Os paióis se localizavam nas dependências do Regimento de Artilharia Antiaérea, onde também funcionava o Depósito Central de Armamento e Munição do Exército e o 25º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, na região da Colina Longa, em Deodoro, subúrbio do Rio de Janeiro. De acordo com Saulo Gomes (2004), próximo ao Regimento ficava um conjunto habitacional onde moravam 65 mil pessoas. Notícia publicada pelo jornal “Folha de Londrina” informa que as famílias que moravam próximas ao local fugiram apavoradas e que “50 mil pessoas ficaram ao desabrigo, espalhadas por ruas e praças públicas”. (NOVAS..., 1958, p. 8)

⁶ Tentamos informações diretamente com o Exército Brasileiro, mas nossos e-mails não foram respondidos.

Em depoimento ao vídeo-documentário “Rádio no Brasil, 1922-1990”, Saulo Gomes afirma que o exército emitiu, na época, um boletim informando que na segunda explosão foram disparados 27 milhões de tiros, da bala calibre 45 até a 305. Isso dá idéia das grandiosas explosões que se verificaram no local e dos incêndios que se seguiram, como relata Gomes (2004): “Eu estava sufocado, tanto calor que se desprendia do fogaréu, dos [...] silos onde estão guardados as armas, as armas e as balas. O calor era infernal lá em Deodoro, eu estava me sentindo mal com aquele calor”. Quem também participou desta cobertura foi Celso Garcia. Garcia (2005) relata que chegou ao local das explosões num carro do corpo de bombeiros, mas que “depois que nós estávamos lá dentro o negócio começou feio demais, nós tivemos que sair e eu saí, Deus sabe como, agarrado a um bombeiro, ele me dando quase uma gravata pra mim não cair do carro, porque aí era morte certa”. Gomes permaneceu no local por várias horas gravando as explosões e depoimentos e também saiu com a ajuda dos soldados, como relata ao final da reportagem:

Uma fuga empreendida num caminhão, por generosidade dos homens que falaram neste microfone, [...] Os senhores perdoem a voz cansada, mas nós estamos tomando distância, para procurar ter certeza de que os nossos companheiros irão nos encontrar no RC-2⁷ e que Walter Bruno e Celso Garcia também lá se encontram. Vamos silenciar por instantes a Continental e a Metropolitana com esta gravação que estamos realizando em nossa máquina, desde o paiol até atingirmos o RC-2. (GOMES in BESPALHOK, 2006)

Essa reportagem realizada por Saulo Gomes também é lembrada por outros integrantes da Continental. Instado a dizer quais as coberturas mais importantes realizadas pela emissora, Paulo Caringe (2004) afirma:

Ah, foi a cobertura, foi a explosão [...] do paiol de pólvoras de munição do exército. Houve uma explosão pavorosa com comprometimento dos moradores, foi uma tragédia, em Deodoro, explosão de Deodoro. E a Continental foi presente, o Saulo Gomes esteve permanentemente desafiando a morte, acompanhando a cobertura do local [...]. Foi um momento muito importante.

Em 1961, Saulo Gomes deixou o Rio de Janeiro durante a crise política instalada com a renúncia do então presidente Jânio Quadros e foi se juntar ao governador gaúcho Leonel Brizola na luta pela posse do vice-presidente eleito João Goulart. Brizola liderou o levante e como uma das principais frentes de resistência criou

⁷ O RC2 era um furgão (uma unidade móvel) usado para transmissões externas.

a Rede de Rádio da Legalidade, transmitindo a partir dos porões do palácio Piratini, sede do governo gaúcho. Os transmissores e equipamentos usados foram os da rádio Guaíba, requisitados pelo governador no dia 27 de agosto de 1961. A rede transmitia 24 horas por dia com discursos de Brizola e locutores que se alternavam ao microfone trazendo notícias do momento político nacional.

Eu saí do Rio de Janeiro, com meu espírito aventureiro de sempre, [...] e me apresentei no palácio, me propondo a ser um dos locutores. Permaneci só dois dias lá e recebi a incumbência de voltar pro Rio de Janeiro e encontrar um jeito de ter uma estação que pudesse transmitir a rede da legalidade. (GOMES, 2004)

No Rio, Saulo Gomes conseguiu um transmissor e em poucas horas estava com o equipamento instalado e com as antenas apontadas para o restante do país.

Nós levamos um transmissor que pesava mais ou menos uns 800 quilos para o morro da Rocinha, famosa, onde instalamos em poucas horas o transmissor e ali ficou uma estação clandestina, comigo no microfone, formando a rede da legalidade. (GOMES, 2004)

O desfecho do movimento ocorreu em sete de setembro do mesmo ano, quando se instalou no país o regime parlamentarista, tendo João Goulart como presidente e o mineiro Tancredo Neves como primeiro ministro.

Passagem pela Mayrink Veiga

Depois da Continental, Saulo Gomes foi para a Rádio Mayrink Veiga, em 1962, dirigir o departamento de jornalismo. Ali procurou reproduzir os ensinamentos adquiridos na Continental e implantou “Os Vigilantes da Mayrink”, uma equipe que também realizava reportagens externas ao estilo dos “Comandos”, como o próprio Saulo (2004) confirma: “Era a mesma filosofia, o mesmo esquema”. Junto com os “Vigilantes”, Gomes também criou um jornal com três horas de duração, que era veiculado a partir das nove e meia da noite, chamado “Frente Nacional de Reportagem”. Nesse radiojornal, o melhor do material produzido durante o dia pelos “Vigilantes” era reprisado.

Saulo Gomes aponta o carnaval de 1964 como sendo um dos momentos marcantes de sua passagem pela Mayrink. Naquela época, as emissoras cariocas competiam acirradamente para ganhar o prêmio pela melhor cobertura da festa.

Então a minha batalha, a minha luta, era ganhar profissionalmente dos meus colegas opositores: Ari Vizeu, que dirigia a equipe da Rádio Nacional naquele carnaval, o Jorge Sampaio, que dirigia a equipe da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, um outro colega que dirigia a rádio Mauá, que eu não arrisco o nome dele agora, e eu que estava no microfone da Mayrink Veiga disputando com todos os colegas que tinham sido meus chefes ou colegas. (GOMES, 2004)

Esta cobertura deu a Gomes mais um recorde à frente do microfone: 90 horas ininterruptas no ar. Para conseguir todo esse tempo sem a execução de nenhum disco de vinil, a equipe da Mayrink preparou, antes do início do carnaval, diversas entrevistas com pessoas ligas à festa: músicos, cantores, autores, etc. Dentre essas entrevistas estava uma que se tornaria especial e inesquecível: Ary Barroso.

E ele começa [a entrevista] dizendo mais ou menos assim: se eu morrer nesse carnaval vocês não chorem por mim porque eu sou um compositor, sou um homem do carnaval, sou um homem do povo.[...]Por volta de 9 ou 10 horas da noite, no meio do desfile das escolas de samba, estourou a grande notícia. Um colega meu furou dando a notícia: acaba de falecer Ary Barroso na casa de saúde tal. Eu corri e peguei esta gravação, deixei no ponto, entrei no microfone, mandei cortar microfone de todo mundo, deixei um silêncio de alguns segundos no ar e dei só essa manchete: *os vigilantes da Mayrink informam, acaba de morrer Ary Barroso*⁸. *Antes ele deixa essa entrevista exclusiva conosco*. Eu solto essa entrevista dele. (Gomes, 2004).

Além dessa entrevista com Ary Barroso veiculada no dia de sua morte, a equipe da Mayrink inovou criando um hino próprio para cantar no carnaval e vestindo, pela primeira vez no Rio de Janeiro, uma camiseta personalizada:

A abertura do nosso carnaval no rio é feita com o Bola Preta e ao meio dia da quarta-feira de cinzas fecha com Bola Preta e com o bloco intitulado “O que eu vou dizer em casa”. São as pessoas presas durante o carnaval e que são soltas só ao meio dia. Então a minha equipe desfilou na quarta feira de cinzas de 64 com esse bloco do Bola Preta e com o pessoal do ‘O que é que eu vou dizer em casa’. Nós somamos mais de 200 profissionais, técnicos, repórteres, redatores, informantes, colaboradores, vestindo a camisa dos vigilantes, com o nosso hino sendo cantando pelo povo do Rio.

⁸ Ary Barroso morreu no dia 9 de fevereiro de 1964, um domingo de carnaval.

Desde 1963, segundo Gomes, a Mayrink pertencia ao ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola⁹, em sociedade com ex-senador e ex-deputado Miguel Leuzzi. Às vésperas do golpe de 1964, a rádio fez a cobertura completa do movimento que ficou conhecido como “A Revolta dos Marinheiros”, quando dois mil marinheiros e fuzileiros navais, liderados pelo Cabo Anselmo, realizaram uma reunião comemorativa do segundo aniversário da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, entidade considerada ilegal, na sede do sindicato dos Metalúrgicos. O então ministro da Marinha, Silvio Mota, emitiu uma ordem de prisão e havia a possibilidade de invasão da sede do sindicato. Segundo Gomes, ele havia escalado alguns integrantes da equipe dos “Vigilantes” para acompanhar o caso.

No dia 28, que eu me lembro bem porque era uma sexta-feira santa, de repente começou a ficar muito negra a situação. Então quando eu vi que o risco era muito grande, meus colegas estavam temerosos de uma possível invasão. Havia uma ordem, do ministro da Marinha, para invadir aquele local, prender os fuzileiros e a gente sabia que ia ter reação. Então esses colegas ficaram meio temerosos. Eu também temia, fiquei temeroso da vida, dos riscos que eles estavam correndo. Eu senti o dever de pegar um carro, eu os substituí e fiquei sozinho cobrindo no meio dos fuzileiros navais. Os fuzileiros saíram lá do subúrbio do Riachuelo [onde era a sede do sindicato dos Metalúrgicos] para ir tomar o quartel da marinha, no centro do Rio de Janeiro. Então essa caminhada a pé, de alguns quilômetros, foi liderada pelo famoso Almirante Aragão. Você vai ver nessa foto, [mostra a foto à pesquisadora] eu estou ao lado do Almirante Aragão, com o meu microfone, cercado dos marinheiros, acompanhando essa passeata. Tudo isso eu fiz como repórter. Feita essa cobertura eu me recolhi à rádio. (GOMES, 2004)

Saulo Gomes conta que a rádio fervilhava nesses dias. Como pela própria influência de Brizola a emissora tinha uma posição à esquerda, tornou-se um local de encontro dos ativistas contra o movimento militar. No dia 31 de março, reuniram-se na emissora vários líderes que estavam a favor do presidente João Goulart:

Então ali passou a ser uma central de informação. E eu no microfone, durante horas e horas transmitindo tudo aquilo. Então a minha punição veio daí. Deram ordem pra nós fecharmos a rádio, eu não aceitei. Os diretores da Mayrink Veiga todos desapareceram. Eu fiquei com minha equipe e esses entrevistados no microfone, reagindo e colocando todas aquelas mensagens

⁹ Existe uma certa controvérsia a respeito da relação de Brizola com a Mayrink Veiga. Gomes (2004) afirma que Brizola comprou 25% das cotas pertencentes a Tony Mayrink Veiga, pagando 150 milhões de cruzeiros. Moreira (1998) também sustenta essa versão e diz que são vários os radialistas [ela cita Ademar Casé e Helio Tys] que sustentam que a Mayrink Veiga foi vendida para o ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Entretanto “Issac Zaltman afirma que no Inquérito Policial Militar (IPM 709) realizado depois do golpe de 1964, representante das empresas do senador Miguel Leuzzi provou com documentos que Leonel Brizola apenas alugava regularmente horários na programação da Mayrink Veiga para veicular seus discursos”. (MOREIRA, 1998, p.63)

no ar, de protesto, de exaltação, etc, etc, e isso durou até por volta de seis horas da tarde, quando a rádio foi invadida. Eu consegui fugir, alguns colegas, não. [...] Então eu saí, me escondi no Rio e de repente eu fui informado que eu estava na lista pra ser executado, por grupos políticos que já estavam começando a ocupar o governo, que já tinham derrubado o Jango. Então imediatamente, por orientação de pessoas políticas e do próprio Brizola, eu pedi asilo na embaixada do Uruguai. Depois, no dia primeiro de junho apenas, consegui meu salvo-conduto, fiz parte dos primeiros 12 brasileiros que deixaram o país, fui embora pro Uruguai.

Depois do golpe de 1964, a rádio Mayrink Veiga foi fechada por ter se colocado contra o golpe. Depois de um exílio de um ano e meio no Uruguai, Gomes voltou ao Brasil e após uma rápida passagem pelo Rio de Janeiro, onde não conseguia trabalho, migrou para São Paulo, indo trabalhar nos “Diários Associados”. Atuou na Rádio e na TV Tupi, sempre realizando reportagens investigativas.

Atualmente, Saulo Gomes escreve suas memórias com base nas muitas reportagens que produziu ao longo da carreira. Ele conta que sempre teve essa preocupação: “Eu ia guardando comigo. [...] Repórter, além do mais, tem que ser “papeleiro”. Eu estou escrevendo meu livro agora baseado nas minhas reportagens de quarenta e tantos anos. Você vê isso aí, isso estava perdido”. (Gomes, 2004)

Além dessa explicação dada pelo próprio Saulo Gomes, ao percorrermos a “Revista do Rádio” do dia 28 de dezembro de 1963 encontramos uma outra motivação para as gravações de áudio, que até hoje estão preservadas e guardadas em sua casa. Sob o título de “Quer gravar a hora de sua morte!”, a reportagem da revista informa que Saulo Gomes andava com um gravador por toda a parte, preparado para gravar a própria morte:

Há vários anos venho tomando providências nesse sentido. Quando viajo de avião, estou sempre com o gravador ao meu lado. Se um motor começa a falhar, entrevisto passageiros e digo o que está ocorrendo. Até agora tudo apenas ficou no susto. Mas, se um dia o avião cair, os meus colegas já sabem: nos destroços encontrarão, junto ao meu cadáver, o gravador”. (QUER..., 1963)

A reportagem informa ainda que Saulo Gomes pensava nos mínimos detalhes para preservar o material e facilitar a localização da fita: “Viajo sempre com um saco à prova de fogo para proteger o gravador e, se houver tempo, durante a queda, engulirei (sic) a fita. Depois será fácil extrair-la de meu estômago” (QUER..., 1963)



Figura 3 – O repórter Saulo Gomes abraçado ao seu inseparável gravador e gravando um boletim que estava sendo emitido pelo telefone.
Fonte: QUER..., 1963

Foi essa determinação e a preocupação em arquivar os momentos vividos como repórter que propiciaram a Saulo Gomes preservar em sua casa fitas e mais fitas de rolo e muitas pastas com papéis. Muito da história do rádio brasileiro está preservada por este repórter que queria gravar a própria morte.

Referências Bibliográficas

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A Prática da Reportagem Radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2006.

CARINGI, Paulo. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

FERREIRA, Paulo César. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

GARCIA, Celso. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bespalhok. Rio de Janeiro, 20 jul. 2005.

GOMES, Saulo. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bespalhok. Ribeirão Preto, 14 jul. 2004.

HEIZER, Teixeira. Entrevista concedida à autora. Niterói, 13 out 2004.

MILITARES morrem em explosão. Defesa@net. Disponível em:
<<http://www.defesanet.com.br/eb/acidente16jun04/>>. Acesso em 11 nov. 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

NOVAS explosões em Deodoro deixam cinquenta mil pessoas desabrigadas. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 out. 1958. p. 8.

QUER gravar a hora da sua morte. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1963.

RÁDIO no Brasil, 1922-1990. Produção de Carlos Alberto Vizeu. Rio de Janeiro: Tele Tape, 1990. 1 videocassete

SAMPAIO, Jorge. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 14 out. 2004.

SOARES, Afonso. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 19 jul 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VIZEU, Ary. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 12 set 2004.

VIZEU, Carlos Alberto. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 12 set 2004